

# Relato da Tunísia: O que aconteceu, porquê e que mais pode vir a acontecer

*Por Samuel Albert*

*Serviço Noticioso Um Mundo A Ganhar (SNUMAG)*

[aworldtowinns.co.uk](http://aworldtowinns.co.uk)



# Relato da Tunísia: O que aconteceu, porquê e que mais pode vir a acontecer

Por Samuel Albert

Serviço Noticioso Um Mundo A Ganhar (SNUMAG), [aworldtowinns.co.uk](http://aworldtowinns.co.uk)



## I. Grandes coisas

Grandes coisas aconteceram na Tunísia.

A maior delas foi que os tunisinos, oprimidos primeiro pelos franceses e depois por mais de meio século de um governo autocrático e servil em relação a França e a outros capitais estrangeiros, acordaram para a vida política de uma forma que só acontece em momentos especiais na história. Abandonaram a passividade e os grilhões da rotina e procuraram tomar o destino do seu país nas suas próprias mãos. De facto, as

massas populares conseguiram passar a deter a iniciativa política em todo o país — com que frequência isso acontece no mundo de hoje? — e impor mudanças que as classes dominantes tunisinas e a França e os EUA podem estar dispostos a aceitar ou não mas que definitivamente não queriam.

Zidane El Abidine Ben Ali governou a Tunísia durante 23 anos. A 14 de Janeiro de 2011 caiu de uma forma tão inesperada e repentina que o mundo ficou atordoado, incluindo os próprios tunisinos. Desde então, eles já derrubaram dois governos sucessivos e têm estado a desafiar o terceiro. O país mantém-se num raro estado de efervescência.

A Avenida Bourguiba em Tunes é um grande *boulevard* ao estilo francês, com duas filas de árvores no meio e cafés e lojas caras nos passeios. Desde 14 de Janeiro que quase todas as noites pessoas de todo o tipo se encontram para

discutir e debater os temas do dia. As multidões são mais densas à sexta-feira e durante o fim-de-semana. Grupos de estudantes universitários e trabalhadores desempregados mais velhos escutam-se frequentemente uns aos outros. Às vezes, toda a gente grita em uníssono sobre esta ou aquela proposta do governo, sobre se as pessoas devem ou não acalmar-se e regressar ao trabalho e deixar as autoridades tomarem o controlo, ou sobre o Islão e o papel das mulheres na sociedade. Não é invulgar ver uma mulher a proclamar em voz alta os seus pontos de vista perante dezenas de homens à volta dela. Parece ser uma regra que toda a gente consiga falar.

As línguas foram desatadas. O que um estrangeiro ouve inúmeras vezes, vindo de jovens e velhos, homens e mulheres, é o seguinte: “Fomos silenciados toda a nossa vida. Agora vamos falar e ninguém nos pode fazer calar. Nós vamos ser ouvidos. Agora toda a gente vai ter de nos ouvir.”

As pessoas nas abandonadas e empoeiradas cidades mais pequenas do interior do país reúnem-se nas praças e nos cafés onde os homens bebem chá, fumam e discutem de manhã a noite. Querem ter a certeza que o país ainda os está a ouvir. Durante os últimos meses houve várias explosões sociais violentas. Jovens desempregados de pelo menos duas cidades estão em greve da fome, continuando a proclamar a mensagem que um jovem vendedor de rua transmitiu quando se queimou vivo a 17 de Dezembro e desencadeou a revolta: eles preferem morrer a continuar a viver desta maneira.

Em todo o lado, uma das perguntas mais contenciosas é saber se houve ou não uma verdadeira revolução. O actual governo diz que houve e que é o representante da revolução. As forças armadas dizem que houve e que são os protectores da revolução. Nas ruas e nos cafés, as opiniões dividem-se. Um imenso número de pessoas está longe de satisfeita, sobretudo os jovens em geral e as classes mais baixas, e vários sectores das classes médias, incluindo a *intelligentsia*. O que conseguiram até agora tem demonstrado a sua força potencial e tornou-os ainda mais sequiosos.

A pergunta agora é: Será que o que o povo conseguiu até agora torna possível desencadear o tipo de mudança radical que possa satisfazer as aspirações expressas na sua revolta? Ou será que as vitórias conquistadas com o seu espírito de auto-sacrifício irão ser arrancadas?

## II. Como é que tudo aconteceu

### Sidi Bouzid, onde tudo começou

Sidi Bouzid é a cidade do centro do país onde começou a insurreição. É a capital administrativa de um governadorado (província) árido e isolado do mundo por estradas deploráveis, embora esteja a apenas algumas centenas de quilómetros da costa em terreno plano.

#### — Um médico generalista:

*Sidi Bouzid está sempre em último lugar, qualquer que seja o parâmetro de medida que se use. Por lei, os cuidados de saúde são supostamente garantidos a todos, mas nesta cidade há apenas uma pequena clínica mal equipada, e outras cidades não têm nenhuma. Não sei de nenhuma mulher do campo que tenha feito um exame pré-natal. Os dispensários públicos não têm medicamentos — os produtos são ilegalmente vendidos a clínicas privadas.*

*Não há nenhum ginecologista/obstetra. Porque é que um especialista viria morar para uma província que tem 413 000 habitantes mas que não tem um único cinema? As pessoas vivem dispersas nos campos e em pequenas cidades. Não há nenhuma indústria que concentre as pessoas, nenhuma vida cultural e é difícil chegar às grandes cidades. Só 10 por cento da população está ligada à rede de esgotos. Há 140 000 licenciados universitários desempregados neste país de dez milhões de habitantes e um por cento deles, 1400, vivem nesta cidade de 45 000 pessoas.*

#### — Um professor primário:

*Fui um dos primeiros a passar à frente do edifício após Mohammed Bouazizi ter ateado fogo a si próprio, cerca da 1h da tarde. Alguns homens e mulheres estavam a manifestar-se, eram sobretudo familiares.*

*Chamei os meus camaradas e disse-lhes o que tinha acontecido e que era culpa das autoridades. Aqui há cerca de 6000 professores primários. Somos o maior sindicato e também somos os intelectuais com contacto mais próximo com os jovens. Também vieram outros activistas, entre os quais advogados.*

*Cerca das 10:30 da manhã seguinte, chegaram muitos polícias vindos de Kasserine (a cidade mais próxima, em direcção à fronteira argelina). A batalha teve início e prosseguiu durante dois dias. Trouxeram cerca de 8000 gendarmes vindos de toda a província. Noventa autocarros cheios deles, mais as motorizadas (brigadas de dois homens, um a guiar e outro a espancar as pessoas). Toda a cidade estava a atirar pedras e a combatê-los — mulheres, jovens, velhos. Não*

*queimámos nem pilhámos nada porque, apesar de tudo, é a nossa cidade.*

*Ao quinto dia, vieram pessoas de outras cidades e vilas para se manifestarem. Outras cidades de 5 a 10 mil pessoas explodiram. Propagou-se a Gabes na costa, e depois de regresso a cidades do interior com maior dimensão, como Mederine. E depois a Sfax, a 12 de Janeiro, e a outras grandes cidades do litoral. Não fomos para Tunes senão depois de Ben Ali ter fugido a 14 de Janeiro...*

**- Um professor e líder sindical mais velho e activista político ligado ao Partido Trabalhista Patriótico e Democrático (PT):**

*A maior parte das pessoas desta região são pequenos camponeses. Cuidam de gado — sobretudo ovelhas — e cultivam azeitonas e outras culturas. Algumas terras são irrigadas, outras não. Aqui não há grandes proprietários. Durante as colheitas, as famílias contratam trabalhadores sazonais, sobretudo mulheres das zonas vizinhas. Há algumas indústrias de conserva de tomate e uma fábrica de aparelhos de ar condicionado, mas não há muitas fábricas. Excepto para os altos funcionários governamentais locais, os padrões de vida variam do OK ao muito mau. Muitos camponeses não conseguem vender as suas colheitas nas cidades do litoral porque não há transportes e são roubados pelos compradores locais. Os programas governamentais e de outras instituições como as cooperativas são geridos por pessoas corruptas com ligações ao regime. Em vez de os ajudarem, extorquem os camponeses.*

*Os camponeses pobres recorrem ao crédito para comprarem pequenos camiões ou outro equipamento e muitas vezes não conseguem pagar os empréstimos. Os juros são muito altos. Eles acabam por falir e têm de abandonar o país. Quando alguém compra as terras deles — e aqui há poucos grandes capitalistas e ainda menos investidores estrangeiros — irriga-as e produz colheitas para exportação, como uvas, alfaces, pimentos, pepinos e melões. Como estamos tão a sul, as colheitas estão prontas para o mercado logo no início do ano, muito antes da Europa e mesmo do norte da Tunísia.*

*Não há uma única grande superfície comercial. Há muitos cafés porque não é preciso muito capital para abrir um e não há nada que fazer a não ser beber chá num café. Algumas pessoas compram e vendem álcool ilegalmente.*

*Até agora, quase ninguém estava interessado em política, sociedade ou cultura. Os feriados tradicionais e os eventos folclóricos eram organizados pelo regime para os seus próprios objectivos políticos. As relações tribais estão a desaparecer porque muita gente está a mudar-se para as grandes cidades. Em alguns lugares desta província, 50-90 por cento da população foi procurar*

*trabalho em Sfax, Monastir e Tunes, ou imigrou ilegalmente para Itália e França.*

*O que temos aqui são muitas escolas — 313 escolas primárias, 170 escolas médias e várias escolas secundárias. A educação é obrigatória e gratuita. Os camponeses enviam os seus filhos à escola, entre outras razões, porque não têm terras suficientes para dividir entre os seus filhos. Não há mais nada para as crianças fazerem a não ser irem à escola. Mas as escolas estão em péssimas condições e não têm muito equipamento moderno.*

*As estradas são tão más, sobretudo as estradas rurais, que as crianças que vão para a cidade frequentar a escola secundária não conseguem viajar e têm de encontrar um lugar para viver aqui. Para irem para a universidade, vão para as cidades do litoral. Muitas crianças acabam por morar com outras cinco ou seis pessoas numa garagem. E bebem vinho, tal como a maioria dos jovens.*

*Isolados das suas famílias e ligados ao mundo pela televisão e pela internet, desejando um estilo de vida moderno que o desemprego e a falta de desenvolvimento não os deixa ter, crescem afastados das suas famílias e tradições. Isto é uma sociedade patriarcal, mas eles não reconhecem a autoridade dos seus pais. Nem sequer deixam que sejam os pais a escolher-lhes a esposa. Isto é uma grande ruptura geracional.*

*O meu filho está há dois anos numa universidade técnica. Tem 29 anos. Digo-lhe: “Quero que tenhas uma mulher e filhos tal como eu tive”. Ele diz-me: “Não posso, pai. Isso é um fardo muito grande, muita responsabilidade”. Algumas pessoas têm 40 anos e ainda não iniciaram a sua própria família.*

*Em cima de tudo isto, está o facto de antes os jovens não serem autorizados a falar livremente entre eles e de ninguém os ouvir. A política e a vida política eram-lhes proibidas. A polícia estava nos cafés a impedir as pessoas de falarem.*

*Houve explosões sociais em 2006, 2008 e 2010 nas zonas mineiras do sul e próximo das fronteiras com a Líbia e a Argélia. A solução do governo foi a polícia e isso agravou a situação. Algumas pessoas corajosas, sobretudo professores, foram condenadas a longas penas de prisão. A situação económica piorou; os vendedores ambulantes de bens de contrabando tornaram-se numerosos. O ambiente geral entre os jovens era muito pessimista e houve suicídios.*

*Mohammed Bouazizi era um representante típico desses jovens. Não era um licenciado universitário como disse a comunicação social. Tinha um carro*

*ambulante de venda de frutos e legumes. Não tinha licença, pelo que uma agente municipal lhe confiscou a balança. Sem balança, ele não podia ganhar a vida. Queixou-se às autoridades, mas ninguém lhe deu atenção. Uma mulher agente municipal esbofeteou-o na cara.*

*Eu não estava lá quando ele ateou fogo a si próprio frente ao edifício administrativo, a 17 de Dezembro. A família dele organizou um protesto e propagou a palavra a outras cidades através de relações tribais. A 18 e 19 de Dezembro, organizámos manifestações. Havia professores e funcionários públicos e pouco depois a maioria da população da cidade estava nas ruas. As nossas palavras de ordem responsabilizavam o regime pela morte de Bouazizi. A polícia cercou toda a cidade. Reunimo-nos nas instalações da UGTT (a federação sindical). A polícia não nos queria deixar sair de lá para nos manifestarmos nas ruas.*

*Por isso, os jovens começaram a protestar nos seus bairros. Combatiam a polícia, sobretudo à noite, quando as máquinas fotográficas da polícia não podiam tirar fotos.*

*As nossas primeiras palavras de ordem foram: “O trabalho é um direito” e “Bando de ladrões — onde está o nosso direito ao trabalho?” Então, o governo central mandou os gendarmes. Gritámos palavras de ordem em defesa da liberdade de expressão e manifestação e da igualdade de desenvolvimento.*

*A comunicação social não mencionou nada disto. Houve uma ocultação total durante os primeiros dias, mesmo quando os protestos se propagaram a cidades vizinhas. Muitas cidades foram bloqueadas pela polícia e pelos gendarmes. Fizemos vídeos com os nossos telemóveis e colocámo-los online.*

### **“Deixa-nos contar-te como fizemos a revolução”**

**— Um estudante universitário, Tunes (com meia dúzia de outros estudantes a intervir):**

*Sou membro do Partido Comunista dos Operários Tunisinos (PCOT). Sou activista estudantil desde 2000, altura em que fomos presos por termos feito uma manifestação na escola. Estávamos sempre a ser espancados pela polícia. Quando Bouazizi se imolou, os estudantes e os membros do sindicato de professores do ensino secundário de Tunes foram a Sidi Bouzid. O regime estava a tentar acalmar o povo. Ben Ali deu dinheiro à mãe de Bouazizi. Nós paralisámos a cidade e usámos os nossos telemóveis para propagarmos as notícias. Muitos camaradas foram atingidos na cabeça na luta com a polícia. Alguns de nós ficámos lá; outros voltaram para Tunes para trabalhar no Facebook e mostrar às pessoas o que estava a acontecer em Sidi Bouzid e Kasserine.*



Manifestação em Tunes a 14 de Janeiro de 2011, em que foram gritadas palavras de ordem contra Ben Ali (Foto: Christophe Ena/AP)

*As manifestações começaram a chegar a Tunes a 28 de Dezembro (quando os artistas e profissionais, sobretudo advogados, se manifestaram), mas não de uma forma generalizada antes de 11 de Janeiro, dia em que houve um importante protesto num subúrbio perto da capital. No dia seguinte houve uma manifestação em Beb El Khader, a cerca de um quilómetro do centro da cidade. Um jovem foi aí morto numa outra manifestação no dia seguinte. Sete dos nossos camaradas foram lá. No dia 14, transportámos o corpo dele por toda a cidade e descemos a Avenida Bourguiba, chamando as pessoas a revoltarem-se. As pessoas na rua eram muito respeitosas em relação a nós. Atacámos a polícia. Não queríamos que houvesse mais uma manifestação e que depois toda a gente fosse para casa. Estávamos cansados de ver jovens a ser espancados.*

— **Um estudante do 3º ano:**

*Durante muito tempo senti-me como se fosse o único a pensar como penso. Começámos a usar o YouTube e o Facebook porque era a única forma de podermos falar livremente. Depois, em meados de 2010 foram presos dois bloggers e toda a gente ficou assustada.*

*Quando alguns amigos nos telefonaram e nos disseram o que estava a acontecer em Sidi Bouzid e Kasserine, e a comunicação social não estava a dizer nada sobre isso, ficámos furiosos. Tivemos de nos exprimir. Cerca de cem de nós*



*usámos o Facebook para organizarmos a primeira manifestação no centro de Tunes. A 13 de Janeiro, a polícia prendeu-me a mim e a outros bloggers e deteve-me durante cerca de três horas. Eu já tinha sido espancado antes, com bastões, mas nunca preso. Eles perguntaram-me porque é que nos estávamos a manifestar; eu disse-lhes que era por causa da injustiça.*

*Quando me deixaram sair, fui para casa, no bairro operário onde vivo. Na internet vi que outros bloggers também tinham sido apanhados. Dissemos a toda a gente que saísse à rua no dia seguinte. Nessa noite, Ben Ali pronunciou um grande discurso em que disse que não se demitia. Alguns indivíduos — ninguém sabe quem eram — andavam pela cidade em carros sem matrículas e a disparar aleatoriamente sobre as pessoas. Eu estava demasiado assustado para sair. Estava em vigor um recolher obrigatório, mas havia algumas pessoas autorizadas a irem à Avenida Bourguiba para aplaudirem o presidente. Ouvimos dizer que a França e a UE iam enviar ajuda a Ben Ali. Pensei que isso seria o fim disto.*

*Na manhã seguinte, às 8:30, eu estava na Avenida. Havia três ou quatro mil pessoas frente ao Teatro Municipal. Toda a gente tinha bandeiras tunisinas e cartazes de protesto. Dessa vez não estava a chover. Por volta das 10h ou 11h, a Avenida estava cheia; não havia espaço para mais ninguém. Não pensei que a polícia pudesse atacar, porque estava lá tanta gente e a imprensa internacional estava a ver. Não estava a acontecer nada e então, de repente, dispararam granadas de gás lacrimogêneo. As pessoas na primeira linha frente ao Ministério do Interior começaram a tentar recuar. Pensei que não haveria mais nada nesse dia e que regressaríamos no dia seguinte. Foi um momento inescrutável — as pessoas estavam a chorar ao mesmo tempo que cantavam o hino nacional. Os velhos, as crianças e algumas mulheres afastaram-se. O resto de nós começou a lutar. Lutámos todo o dia.*

**— Membros e dirigentes sindicais, sede regional da UGTT em Ben Arous, um subúrbio industrial de Tunes:**

*Esta cidade tem meio milhão de pessoas. Tem fábricas químicas, uma refinaria de petróleo e muitas fábricas como as de sub-asmblagem de componentes electrónicos para empresas automóveis estrangeiras e as de processamento de alimentos. É considerada atraente para o investimento estrangeiro devido aos seus trabalhadores e técnicos qualificados e com estudos e às boas infra-estruturas. A maioria dos trabalhadores aqui é originária desta região.*

*Nunca fomos um sindicato “normal”. A UGTT foi fundada nos anos 30, durante a luta de libertação. Fizemos trabalho político durante muitos anos, sobretudo*

*na região mineira do sul. A direcção nacional do sindicato apoiou Ben Ali, mas a liderança regional e local esteve contra isso. Como os partidos políticos foram proibidos, os partidos de esquerda trabalhavam sobretudo através dos sindicatos, bem como de organizações de direitos humanos e ONGs.*

*É verdade, como dizem as pessoas, que a revolução foi feita pela liberdade, e não pelo pão, mas também é verdade que enquanto fomos sufocados pela máfia de Ben Ali as pessoas do interior estavam a sofrer devido às extremas desigualdades regionais e ao desemprego.*

*Tivemos a nossa primeira reunião aqui a 5 de Janeiro, sobretudo de membros do sindicato e outros trabalhadores. A polícia cercou as nossas instalações. Depois disso, fizemos uma reunião de massas para decidir o que fazer e convocámos uma greve geral regional para 14 de Janeiro, das 10h ao meio-dia.*

*Ben Ali fechou as escolas por causa da agitação. Os estudantes reuniram-se nas nossas instalações porque não tinham mais nenhum sítio onde se reunirem — a associação de estudantes oficial era controlada pelo regime. Acabou por não haver nenhuma greve porque muitas das fábricas nem sequer abriram nessa manhã. Tudo parou. Por isso, os estudantes e outras pessoas foram manifestar-se no centro de Tunes. Nessa noite, Ben Ali demitiu-se.*

### **III: Porque é que a revolta aconteceu**

#### **A internet e a rede global de relações políticas e económicas**

Se pobreza só por si fosse suficiente para provocar uma revolta, a Tunísia teria sido um dos últimos países árabes a explodir. Está entre os países árabes não exportadores de petróleo mais desenvolvidos, social e economicamente. Poucas pessoas passam fome ou não têm onde viver. Tunes não tem nada parecido aos bairros de lata do Cairo — nem as suas exhibições de riqueza. Contudo, a Tunísia também é um país onde o salário mínimo é cerca de 216 dólares por mês e muita gente desejava poder receber isso, caso conseguisse sequer encontrar trabalho.

Em Sidi Bouzid, a cidade do interior onde começou a revolta, há muito mais gente com ligação à internet que com casa de banho com autoclismo. Cerca de um quarto dos pouco mais de 10 milhões de tunisinos tem alguma forma de acesso à internet e há dois milhões de contas no *Facebook*. As imagens de Sidi Bouzid e da insurreição que se expandia foram levadas a quase todas as casas pela Al-Jazeera.

Muitos tunisinos estão directamente ligados ao resto do mundo e têm uma consciência intensa do que o mundo moderno tem para oferecer e que lhes é negado. E querem saber porquê.

O lugar da Tunísia na rede internacional de relações económicas, políticas e sociais constitui o palco sobre o qual os vários actores da revolta desempenharam o seu papel. Tal como outros países do terceiro mundo, a sua economia está organizada de acordo com as necessidades do mercado mundial, o qual não é um campo de jogos aplanado mas uma expressão da divisão do mundo em países capitalistas monopolistas e em países oprimidos cujas economias estão subordinadas ao capital financeiro estrangeiro. Devido ao domínio do capital sediado em Nova Iorque, Londres, Paris e por aí adiante, em vez de economias nacionais em desenvolvimento onde as várias filiais da indústria e da agricultura mais ou menos se ajustam, as diferentes partes das suas economias estão mais ligadas ao mercado internacional que umas às outras.

A Tunísia, considerada um modelo pelo FMI, teve durante várias décadas a mais alta taxa de crescimento de África, com uma média de cerca de cinco por cento. Mas a sua subordinação económica retardou um muito maior desenvolvimento potencial e o desenvolvimento distorcido a que o país tem estado sujeito é uma importante fonte de miséria para o povo.

Uma questão central na Tunísia, tal como noutros países oprimidos, é a agricultura. Na Europa e nos EUA, a agricultura é subsidiada porque a auto-suficiência alimentar é um requisito de uma economia nacional independente e equilibrada. Na antiguidade, a Tunísia alimentou muito do mundo mediterrâneo. Agora, as melhores terras da região ao longo da costa são usadas para produzir um punhado de culturas de exportação, enquanto as restantes são negligenciadas.

O investimento vai para onde pode ser muito lucrativo, para pilhar os recursos para a exportação de indústrias como as minas de fosfatos, que pouco contribuem para o desenvolvimento global, e para a região litoral (onde as estradas não são necessárias porque os bens são transportados por mar para o estrangeiro), enquanto a maioria da agricultura estagna por falta de recursos, entre os quais fertilizantes à base de fosfatos. Sectores inteiros da população do interior são atraídos para as cidades do litoral para trabalharem numa indústria ligeira dependente das exportações e em *call centres* e outros serviços que fornecem a Europa, enquanto o resto das pessoas e do país são deixados a apodrecer. A divisão internacional do trabalho, comandada pelo mercado, e a organização da economia global determinam o desenvolvimento de todos os

cantos da Tunísia, tanto aqueles onde chega o investimento como aqueles onde não chega. O relativo subdesenvolvimento do interior, que é um dos resultados do domínio do capital imperialista, torna o investimento mais lucrativo quando reduz os custos laborais em todo o país.

Agora, e uma vez mais, o turismo está a ser promovido como a salvação da Tunísia. Mesmo que na actual situação económica conseguisse manter uma taxa de quase sete milhões de turistas por ano — já para falar em a aumentar de uma forma substancial —, essa “indústria” já mostrou ser uma destruidora de nações.

A prostituição que inevitavelmente a acompanha é a face mais negra de um negócio cuja razão fundamental de existência não é a beleza natural da Tunísia nem as suas maravilhas arqueológicas, mas sim a desigualdade que a torna barata e transforma o seu povo em criados, em vez de lhes oferecer a oportunidade de contribuírem e desenvolverem as suas capacidades. Quanto mais o turismo cresce e engole recursos, pior é para o meio ambiente e para um desenvolvimento nacional equilibrado que poderiam possibilitar um desenvolvimento global dos seres humanos.

De facto, uma das principais exportações da Tunísia é o seu povo. Actualmente, um em cada dez tunisinos vive no estrangeiro, metade deles em França e os restantes em Itália, na Líbia e noutros países. A maioria deles são operários, e por vezes trabalham no sector de serviços devido às suas capacidades linguísticas. Isto também inclui professores, técnicos, engenheiros e outros profissionais que são uma pechincha nos países onde trabalham, não só devido à desigualdade salarial mas ainda mais porque os custos da educação deles é suportado pelos tunisinos. É uma vantagem para a Tunísia que tantos tunisinos conheçam o mundo, mas esta situação também é um enorme dreno do seu potencial e uma das muitas fontes de humilhação nacional.

Desde a queda de Ben Ali e desde que os serviços de segurança começaram a hesitar patrulhar as costas e as águas litorais da Tunísia, que dezenas de milhares de tunisinos se meteram em pequenos barcos para tentarem escapar a uma vida sem saída. Provavelmente milhares deles afogaram-se ou morreram à sede a tentarem chegar a uma Europa que ainda está desejosa de os explorar, embora em números muito menores que antes da actual crise financeira. Essas mortes são um terrível indicador humano do quanto o mercado internacional e as relações económicas e políticas de opressão que o representam aprisionaram a Tunísia e de quanto o desenvolvimento do país tem sido feito à custa do seu povo.

## A Tunísia e a crise económica global

Muitos tunisinos, talvez a maioria, culpam Ben Ali por esta situação, tal como o fazem alguns peritos internacionais. É importante ver o que é verdadeiro nisto e o que não é, sobretudo se o nosso ponto de vista for saber como é que a Tunísia se pode tornar radicalmente diferente e não apenas saber como é que se pode voltar a consertar o sistema.

O regime de Ben Ali baseava-se num sistema de benefícios largamente organizado em torno de laços familiares. Visto de cima para baixo, isto significava um sistema de favores políticos que chegava aos bairros mais pobres. Ter ou não um emprego ou um cartão de saúde e outras coisas dependia das ligações ao regime e com quem se estava relacionado (e estar relacionado com as pessoas erradas, como por exemplo um opositor ao regime, significava dificuldades permanentes). Visto de baixo para cima, significava que as maiores fontes de riqueza estavam nas mãos da família de Ben Ali e da mulher dele, Leila Trabelsi. Não se podia fazer nada sem um suborno e qualquer pessoa que iniciasse um grande negócio tinha de dar ao “clã” dominante uma participação na sua empresa. A importância das relações pessoais hereditárias em toda esta economia e sociedade relativamente desenvolvidas parece ser um resquício das relações sociais feudais pré-capitalistas e outras.

Tal como aconteceu na Síria e no Egipto, quando Ben Ali liberalizou uma economia que antes tinha sido dominada por empresas estatais e começou a pôr as antigas e as novas empresas em mãos privadas e a deixar actuar mais as forças do mercado, isso levou a uma maior concentração da riqueza em menos pessoas — as pessoas associadas ao “clã” dominante.

Isto pode ter criado um sério atraso no desenvolvimento capitalista, dado que tornou os investidores estrangeiros relutantes a fazerem negócios na Tunísia e conteve e afastou mesmo alguns grandes capitalistas internos. Esta foi a opinião expressa pelo embaixador norte-americano num telegrama para Washington divulgado o ano passado pela *WikiLeaks*. Também pode ser verdade, como alegam alguns tunisinos, que houve uma divisão entre o “clã” de capitalistas e proprietários rurais ligado a Ben Ali e o “clã” ligado a Habib Bourguiba, o primeiro presidente da Tunísia após a independência a quem Ben Ali tomou o poder num golpe palaciano.



Os manifestantes enfrentam a polícia em Tunes a 14 de Janeiro de 2011  
(Foto: Christophe Ena/AP)

Mas não é verdade que a concentração da riqueza num círculo cada vez menor, a instabilidade e deterioração das condições enfrentadas por aqueles que se consideravam da classe média e a crescente incapacidade dos serviços de saúde, dos sistemas de segurança social, de educação e outros serviços do país em fornecerem aquilo que os tunisinos consideram ser os seus legítimos direitos, apenas possa ser explicado, ou pelo menos sobretudo explicado, pela “cleptocracia”, a ilimitada cobiça do “clã” do regime. Estes desenvolvimentos não só são comuns nos países árabes e do terceiro mundo como na maioria do mundo capitalista de hoje. Este tipo de polarização é uma característica geral da acumulação capitalista nas condições das necessidades do sistema imperialista global e da actual crise económica que ele enfrenta, embora se exprima de diferentes formas em diferentes países.

### **A dinâmica de uma crise política**

Tudo isto define o cenário do que aconteceu, mas não significa que as massas foram simples peões no jogo de outras pessoas. A revolta das massas intensificou o desenvolvimento das divisões no interior da classe dominante, o que por sua vez encorajou o desenvolvimento do movimento de massas. Um dos

factores menos compreendidos e mais importante foi a interacção dinâmica entre os vários sectores do próprio povo.

### **Quando as pessoas já não podem viver da mesma maneira**

Durante décadas, o regime manteve-se sem ameaças e nada acontecia porque era do “conhecimento comum” que nada podia acontecer. A maioria das pessoas mantinham-se caladas e passivas porque pensavam que todas as outras pessoas iriam continuar caladas e passivas. Depois, quando os jovens das cidades do interior tomaram o trágico suicídio de Bouazizi como sinal de que também eles não tinham nada a perder e os professores os encorajaram a atirar pedras à polícia ao mesmo tempo que os advogados e os artistas lhes dirigiam a palavra, isso tornou os estudantes e outros jovens das grandes cidades, sobretudo de Tunes, muito corajosos e decididos a passar da internet para as ruas. Tudo isto, por sua vez, realimentou as revoltas nas províncias.

A manifestação de 12 de Janeiro em Sfax (a segunda maior cidade do país, mas uma cidade desfavorecida em comparação com outras cidades do litoral) parece ter representado um papel central em levar a revolta das províncias para a capital. Essa foi a primeira grande manifestação que exigiu abertamente a demissão de Ben Ali. Mas embora fosse o maior protesto até então, ainda assim contou com apenas provavelmente cerca de 30 mil pessoas. O seu significado político foi mais importante que a sua dimensão.

O regime não tinha perdido só a sua legitimidade, tinha perdido a sua capacidade de aterrorizar um número cada vez maior de pessoas, mesmo nos centros urbanos do país, e isso claro que lhe fez perder ainda mais legitimidade, mesmo aos olhos dos seus próprios apoiantes e dos elementos vacilantes. De repente, em vez de toda a gente no mínimo tolerar o regime, “toda a gente” estava contra ele.

É notável que o partido do regime, que alegava ter um milhão de membros, não tenha conseguido organizar um maior apoio. Tem-se dito que com a privatização e o desastroso declínio dos serviços públicos, o partido governamental ficou impossibilitado de fazer favores aos sectores mais desfavorecidos do povo que antes eram muito dependentes deles. Segundo alguns académicos, as classes mais baixas eram uma base de apoio do partido governamental (RCD) mais segura que algumas das famílias mais abastadas, as quais, por exemplo, podiam preferir ir a um médico privado e por isso não precisavam realmente de um cartão estatal de saúde. Um activista de Sidi Bouzid explicou que a liderança do partido governamental estava mais habituada a usar os seus

apoiantes como arruaceiros que como activistas políticos. Segundo os números do regime, 20 por cento dos habitantes de Sidi Bouzid eram membros do RCD, uma das mais altas concentrações do país.

O regime apelou às suas massas na capital que se manifestassem em seu apoio na manhã de 14 de Janeiro e a polícia, incapaz de identificar quem era quem, a princípio não tentou impedir as pessoas de se concentrarem na Avenida Bourguiba. Mesmo que a multidão possa ter incluído pessoas pró-regime, acabou solidamente unida contra a polícia e o seu chefe, Ben Ali.

### **Quem liderou a revolta?**

Quando se fala com dezenas de pessoas, incluindo algumas que dizem ter estado entre os principais organizadores destes acontecimentos, uma das coisas mais notáveis é a seguinte: poucas pessoas, se alguma, se envolveram neste movimento com a ideia de que iam afastar Ben Ali.

Não é que ninguém o quisesse. Quase toda a gente diz agora quão feliz está por o ter visto ir-se embora. Mas muito pouca gente na Tunísia (e os principais especialistas estrangeiros sobre a Tunísia) pensava que o regime alguma vez desabaria da forma repentina e dramática como o fez. Aquilo que a maioria das pessoas esperava, quando muito, era uma abertura gradual, um processo de conquista de direitos democráticos. Poucas pessoas, se alguma, pediram abertamente o derrube do regime até muito perto do fim e mesmo depois de Ben Ali ter fugido. O líder do PCOT [Partido Comunista dos Operários da Tunísia], Hamma Hammami, disse que o seu partido tinha sido “praticamente o primeiro” a fazer esse apelo, a 10 de Janeiro, quatro dias antes do fim, altura em que de repente as palavras de ordem “Ben Ali vai-te embora!” varreram o país.

Da noite para o dia, parecia que todo um povo estava a cantar isso em uníssono, exaltado por poder gritar essas palavras de ordem tão alto quanto podia e com dificuldade em acreditar no que ouvia.

Numa tumultuosa entrevista feita a elementos das massas num café na Avenida Bourguiba que começou com meia dúzia de estudantes universitários e adolescentes mais jovens e que acabou por envolver muitos dos amigos deles, estes alegavam que eles (especificamente alguns deles, mas em geral mais outros jovens como eles) eram os únicos a apelar “à revolução”, embora entre os que tinham participado nas maiores manifestações estivesse um muito mais vasto sector da sociedade. Mesmo os seus relutantes anciões admitem que foi assim em Tunes, embora aleguem que o apoio das organizações de advogados



(uma força chave), dos artistas e sobretudo dos sindicatos deram ao movimento a sua força.

Nada do que aconteceu foi planeado por ninguém. A maioria da esquerda a nível nacional estava contida pela sua convicção de que apenas era possível haver uma mudança gradual. Os jovens com perspectivas políticas muito menos desenvolvidas actuaram espontaneamente e assumiram a liderança, não “organizando” o movimento mas definindo as condições e empurrando para a frente na convicção de que venceriam porque a causa deles era justa — sem que fosse claro de todo o que é que era “ganhar”.

Há antecedentes da revolta, nomeadamente uma sublevação em 2008 na cidade de Gafsa, no sul do país e com minas de fosfatos, desencadeada por viúvas de mineiros que protestavam contra o facto de todos os empregos na indústria irem para pessoas com ligações ao regime em vez de irem para os seus filhos. Cidades do interior como Sidi Bouzid, Kasserine, Redeyef e Gafsa, todas elas viram agudas explosões durante 2010. A repressão policial foi o que sempre se lhes seguiu. Na capital, embora a vida política aberta, sobretudo as manifestações, não fossem autorizadas e muita gente tivesse sofrido prisões e outras formas de perseguição, e embora a comunicação social e outras formas de expressão pública estivessem amordaçadas, ainda assim parece que, conscientemente ou não, a oposição tinha chegado a uma certa acomodação com o regime, o qual se inibia de a reprimir de uma forma mais feroz desde que ela mantivesse o seu baixo perfil de acção política e as suas reivindicações dentro de certos limites. O trabalho revolucionário e qualquer apelo ao derrube de Ben Ali eram completamente proibidos, mas francamente, parece que aqueles que se consideravam revolucionários acabaram, na sua quase totalidade, por se adaptar ao que estavam autorizadas a fazer.

A ideia deles era que, ao trabalharem através dos canais e das organizações legais, erguendo e organizando as pessoas em torno de reivindicações legais que não desafiavam todo o sistema político e económico e ao não desafiarem o pensamento tradicional e as relações sociais, as massas populares iriam ficar gradualmente conscientes da necessidade de liberdade política e, uma vez isso alcançado, estariam preparadas as condições para mudanças mais revolucionárias.

Pensavam que se tentassem liderar um movimento revolucionário antes de as massas populares estarem prontas para isso, iriam ficar isolados. Mas quando rebentou uma crise política e muita gente — uma minoria da população mas ainda assim uma massa crítica — decidiu que não podia continuar a viver da

mesma maneira, a esquerda foi apanhada desprevenida e não conseguiu agarrar inteiramente essa oportunidade. Os jovens, afinal, de repente tornaram-se mais radicais que a esquerda cínica que pensava que tinha um plano “realista” para uma mudança gradual.

Algumas pessoas fora do país alegam que a revolta na Tunísia foi essencialmente um movimento sindical, mas isso é meio falso e meio enganador. É falso porque os sindicatos andaram atrás dos jovens que não tinham nenhuma organização e enganador porque até quase ao fim as principais organizações que nela participaram foram as dos professores e de outros membros da *intelligentsia*. Além disso, o debate sobre quanto é que a esquerda que actuava nos sindicatos e noutros grupos ajudaram a expandir a revolta não é uma questão central, porque tudo o que fizeram foi ajudar o povo a fazer o que já estava espontaneamente a fazer.

O que não fizeram, e ninguém fez, foi liderar este movimento no sentido de se esforçarem por fornecer uma direcção consciente, mesmo num sentido limitado de afastar Ben Ali, e muito menos no de tentarem transformar o movimento espontâneo num movimento consciente de tomada do poder e de início do tipo de transformações revolucionárias que poderiam vir a satisfazer de facto as necessidades e reivindicações do povo.

Não há muitos indícios da alegação de que estes acontecimentos foram o resultado de uma acumulação gradual de organização e consciência durante os últimos anos, ou entre a maioria das pessoas, ou mesmo entre as poucas centenas e milhares que primeiro se revoltaram e as centenas de milhares que a elas activamente se juntaram durante os derradeiros dias. Poder-se-ia alegar que sim, que houve erupções e lutas justas, mas elas foram derrotadas, e será que isso não foi um factor negativo que pesou na mente das pessoas?

O desejo de mudança das pessoas, e sobretudo saber se elas agiram ou não de acordo com esse desejo, estava relacionado com saber se elas pensavam ou não que isso seria possível. Houve uma confluência de factores que interagiram dinamicamente e que em conjunto acabaram por produzir uma situação em que, quase da noite para o dia, as classes dominantes já não podiam governar da mesma maneira e as pessoas também já não estavam dispostas a viver da mesma maneira, e estas duas condições — que Lenine disse definiriam uma situação revolucionária — repercutiram-se de uma para a outra.

É difícil escrever sobre essas complexas interacções sem entrar em esquemas literários simplistas, mas a questão é que a extremamente poderosa dinâmica

dentro destas situações pode transformar indivíduos, sectores inteiros do povo e toda a paisagem política, da noite para o dia.

### **Quando as classes dominantes já não conseguem governar da mesma maneira**

O capital francês e a “classe política” de França eram apoiantes muito próximos de Ben Ali, tal como tinham sido do seu predecessor e também “homem de mão” Bourguiba. Mas, tal como indicam os memorandos do embaixador norte-americano, os EUA ficaram bastante desejosos de ver Ben Ali sair — e os EUA tinham obtido uma considerável influência na Tunísia, sobretudo entre as forças armadas que foram essencialmente equipadas pelos norte-americanos. Esse armamento não é apenas uma expressão de apoio político, mas também pode ser uma fonte de influência política, dado que significa que os militares tunisinos treinam e trabalham de perto com os seus congéneres norte-americanos.



Numa manifestação em Tunes a 8 de Janeiro de 2011, exigiu-se a libertação das pessoas presas em anteriores protestos (Foto: Hassene Dridi/AP)

Os observadores sérios concordam em que o que forçou Ben Ali a fugir para a Arábia Saudita a 14 de Janeiro não foi que a sublevação de massas já não podia

ser reprimida mas sim que as forças armadas se recusaram a avançar plenamente quando a polícia e outras forças de segurança já não o podiam fazer. Um jornal tunisino noticiou que Ben Ali pediu às forças armadas em Dezembro que bombardeassem Kasserine, mas que elas teriam desobedecido. É sabido que o exército — ao nível mais alto — se recusou a dar ordens para os tanques dispararem sobre os manifestantes em Tunes.

Aparentemente, os leais ao regime tentaram forçar as forças armadas a intervir com provocações deliberadas, entre as quais atiradores furtivos que se diz terem disparado sobre as multidões — diz-se que muitos mortos foram atingidos de cima na cabeça ou no tórax — e misteriosos esquadrões ambulantes que espalharam aleatoriamente o terror nos bairros na última noite de Ben Ali. Eles pareciam pensar que se a violência se generalizasse o exército já não poderia manter a sua atitude algo reservada em relação à revolta. Mas, ao tentarem forçar a mão do exército, essa mão parece tê-los atingido a eles.

O que é que fez Ben Ali mudar de ideias entre a noite de dia 13, quando o ditador de 75 anos foi à televisão anunciar a antes inconcebível “concessão” de que não iria concorrer de novo às eleições de 2014, e o momento ao final da tarde do dia seguinte em que ele e a sua esposa foram empurrados para bordo de um avião? Foi amplamente noticiado, e nunca negado, que o chefe das forças armadas Rachid Ammar lhe teria dito que se nesse dia a multidão avançasse para o palácio presidencial, já não podia ser garantida a segurança dele. Algumas pessoas pensam que Ammar o disse de uma maneira menos polida. De qualquer forma, é difícil acreditar que o general tenha tomado essa decisão a menos que estivesse confiante em que a “comunidade internacional”, e em particular os EUA, iriam alinhar nisso. Representantes norte-americanos em Washington e figuras políticas e militares de visita a Tunes têm exprimido desde então um caloroso apoio às forças armadas tunisinas.

Os EUA e certamente a França não queriam ver cair um representante dos seus interesses e sobretudo não queriam que as pessoas comuns provassem o sangue dos seus opressores, em termos políticos, mas podem ter considerado que a alternativa — uma longa e sangrenta luta com consequências imprevisíveis na Tunísia e em toda a região — era ainda pior.

A coesão das forças armadas e a sua lealdade para com os seus amos estrangeiros deu aos imperialistas alguma liberdade para abandonarem Ben Ali, sabendo que o essencial do estado, a sua capacidade de impor pela violência as relações económicas e sociais estabelecidas, permaneceria intacto. Ao mesmo tempo, era claro que se Ben Ali fosse autorizado a manter-se agarrado à

presidência durante muito tempo e se o exército o apoiasse nisso, a autoridade e legitimidade deste aos olhos do povo e talvez a sua coesão ficaria em perigo.

Não é nenhum desrespeito para com o povo e as suas vitórias salientar isto, e mesmo salientar que um movimento com objectivos mais revolucionários provavelmente teria encontrado mais resistência.

Um regime, ou o núcleo de um regime, caiu, mas o sistema económico e político permanece intacto.

As velhas forças políticas estão a lutar desesperadamente pela sua legitimidade, mas elas continuam fortes e podem contar com a força do hábito e com as velhas formas de compreensão do mundo entre as massas populares. Não há uma ampla compreensão de que as forças armadas são, em última instância, os representantes locais do domínio imperialista e quem impõe o mercado imperialista mundial, e de que as suas armas e organização de combate permanecem intactas. Mesmo entre os que eram mais avançados em termos de definir as condições da revolta e dessa forma fazer avançá-la, não há muitas pessoas que percebam como é que a Tunísia e o mundo poderiam ser completamente diferentes, pelo que naturalmente ficam presas de ideias e tendências políticas que, quanto ao essencial, defendem uma versão mais ou menos diferente do mundo tal como ele é.

É justamente por causa desta situação complexa e contraditória que a questão da liderança se coloca de uma forma tão intensa na Tunísia.

## **IV. A actual situação**

### **As pessoas estão preocupadas — e “o povo” já não está unido**

Não é todos os dias que existe essa coisa do “povo”. Durante a revolta, houve um “povo” que deu a conhecer a sua vontade, não no sentido de todos os dez milhões de tunisinos nem sequer dos milhões que saíram às ruas, mas no sentido de que pessoas de classes sociais e tendências políticas e ideológicas conflituantes estavam unidas na sua determinação de se verem livres de Ben Ali, por um lado, e de que, por outro, os que apoiavam o regime ou não tinham a certeza já não estavam dispostos a tomar a palavra.

Agora, “o povo” começou a dividir-se de acordo com os interesses de classe das várias forças envolvidas, mesmo que o pensamento de quase toda a gente continue a ser contraditório. Milhões de pessoas continuam insatisfeitas,

sobretudo entre as classes mais baixas e entre os operários. Isso é muito favorável a uma mudança social radical. Mas entre os factores que se atravessam no caminho dessa mudança estão não só a força persistente do sistema económico mundial e das suas classes dominantes locais, mas também alguns elementos do pensamento das pessoas e sobretudo a ausência de uma compreensão mais clara dos problemas fundamentais que as afectam. Algumas destas ideias contraditórias podem ser encontradas no que as pessoas têm dito em entrevistas.

— **Spetla, uma cidade muito pequena no centro do país, entre Kasserine e Sidi Bouzid. O dono de uma banca de jornais e refrescos:**

*Não há mesmo nenhum emprego nesta cidade. Quem não cultiva a terra, a única forma que tem de ganhar a vida é o comércio. As pessoas daqui descem até à fronteira com a Líbia, compram alguns coisas feitas na China ou na Europa e regressam aqui para as venderem. Antes, não conseguíamos ganhar a vida porque as pessoas regressavam com apenas uma mochila de bens contrabandeados, enquanto Trabelsi, a mulher de Ben Ali, tinha contentores inteiros cheios de mercadorias trazidas para o país sem pagar taxas alfandegárias. Os contrabandistas locais não conseguiam competir com isso. Mas aqui nunca houve nenhuma manifestação.*

*Agora, Ben Ali e os Trabelsis foram-se embora, mas há uma guerra na Líbia e a fronteira está fechada. Por isso, as pessoas daqui estão a procurar trabalho no estrangeiro. Quando se ouve falar de todos esses tunisinos que “saltam o mar” e morrem para chegarem a Itália em pequenos barcos, somos nós. Agora temos liberdade mas não temos nenhuma forma de ganhar a vida.*

— **Um homem desempregado mais velho, na Avenida Bourguiba:**

*Estou desempregado há dez anos. Nem lhe consigo dizer como tenho conseguido alimentar a minha família. Tenho mulher e dois filhos; um trabalha na rua e outro tem sete anos e no próximo ano vai estudar. Não sei como sobrevivemos. Estudei em França e regressei para um bom lugar no departamento de saúde pública. O meu cunhado apoiava os islâmicos e eu fui despedido por causa disso. Desde então não tenho conseguido encontrar trabalho. Estou muito contente porque agora temos liberdade, mas a minha vida continua horrível.*

— **Um trabalhador grisalho mais velho e outros grevistas numa fábrica de tubos de betão reforçado, em Ben Arous:**

*Somos pobres. Isto quer dizer que não temos dinheiro. Sim, contribuímos para o movimento que derrubou Ben Ali. Quando ele viu a multidão a 14 de Janeiro,*

*teve medo que atacássemos violentamente o palácio dele, pelo que ele e a família meteram-se num avião e fugiram. Ele era apoiado essencialmente pela França e pelos EUA. A França interveio militarmente na Líbia e na Costa do Marfim, mas nunca disse a Ben Ali que saísse.*

*Na nossa fábrica, tratavam-nos como escravos. Pagavam-nos menos que o salário mínimo. Agora temos liberdade, pelo que é natural que criemos um sindicato e tentemos obter a protecção da lei. Mas o governo ainda é uma máfia, paga pelos EUA e pela França.*

*O que esperamos da revolução? Esperamos o melhor. Até agora, não vimos nada, zero por cento de mudanças. Na realidade, as coisas estão pior do ponto de vista económico, e não melhor. Os patrões continuam a ser horríveis e teimosos. Todos nós queremos liberdade — liberdade de falar, liberdade de imprensa, liberdade de tudo. Será que a democracia significa que os empregadores têm todos os direitos? O novo governo é igual ao anterior. Ben Ali era um grande ladrão, mas nós vivemos sob o mesmo sistema durante 56 anos (desde a independência de França). A democracia não mudou tanto até agora, mas nós queremos que mude.*

**— Um estudante de 23 anos, numa concentração na Avenida Bourguiba:**

*É muito importante para mim o facto de agora termos liberdade. Foi para isso que fizemos a revolução. Mas quando é que os atiradores furtivos que dispararam sobre nós vão ser levados à justiça? Quem os está a proteger? Porque é que o governo nega que eles sequer existam? E porque é que a polícia tem direito a parar-me na rua e exigir saber porque é que eu estou a tirar fotos com o meu telemóvel? E a minha grande pergunta é: Porque é que as más pessoas acabam sempre por cima?*

**— Uma professora de química do ensino secundário, de meia-idade, num café de um centro comercial:**

*Decidi usar o hijab [neste caso, um lenço “moderno” para a cabeça] há cinco anos atrás. A minha mãe usou um daqueles lenços brancos antiquados mas a minha família não era cumpridora. Foi quando envelheci que me virei para o Islão. Eu ensino e o meu marido é professor e nós partilhamos todas as tarefas domésticas. Não sou uma pessoa que ache que as mulheres devem ficar em casa ou receber menos.*

*Porque é que as pessoas como eu se estão a virar para a religião? Quando alguém está frustrado e não tem liberdade, procura refúgio na religião, na bebida ou na droga. Odeio ver todas essas crianças que não fazem nada das vidas*

*delas a não ser arrastarem-se pelos cafés e beberem cerveja. Não quero ver tantos licenciados universitários sem emprego. A minha filha, que é engenheira química, não conseguiu encontrar trabalho aqui e teve de ir para França para ensinar. Se os extremistas chegarem ao poder, não vão deixar que ela trabalhe cá, nem sequer que vá para o estrangeiro. Mas no tempo de Ben Ali, não me deixavam cobrir a minha cabeça na escola.*

*Fui eu que decidi cobrir a minha cabeça e serei eu a decidir quando deixarei de o fazer. Acredito num Islão indulgente, que acredita no perdão. Eu defino o extremismo religioso como não querendo admitir a discussão. O que eu quero é um país democrático, equilibrado, onde as pessoas tenham valores.*

**— O dono de um restaurante frequentado por comerciantes na Medina, os mercados dos bairros antigos de Tunes. Emprega seis pessoas:**

*Sou islâmico. Mas sou contra o extremismo. O Islão quer dizer moderação em tudo. Do que precisamos agora é de segurança. As leis deviam ser mudadas para que se pudesse cortar as mãos aos ladrões.*

*Foi uma coisa boa o exército não ter disparado sobre o povo, mas esta revolução não está a resultar. As coisas saíram fora de controlo e não deviam ter deixado que isso acontecesse. As pessoas não vão trabalhar e há ladroes por todo o lado. Os trabalhadores do lixo estão em greve e o lixo está a empilhar-se. Toda a gente devia estar a trabalhar com afinco agora, mas eles não estão.*

*Eu quero três coisas; segurança, ordem, toda a gente a trabalhar. As pessoas do antigo regime continuam a mandar no governo, no comércio e na indústria.*

*Deus protege o nosso país, mas podia ser melhor. Não é verdadeiramente o nosso país. A economia é muito incerta — temos indústria, mesmo hi-tech, minas de fosfatos e agricultura, mas as coisas podiam estar melhor. Um novo presidente não quer dizer nada. A Bélgica está sem governo há um ano e ninguém se preocupa. Mas nós precisamos de polícia e de segurança.*

*Quando eu estou a trabalhar, devia poder concentrar-me no negócio sem me preocupar com a minha mulher em casa ou os meus filhos na rua. O que eu quero ver é um país sem barras de ferro. No dia em que eu já não vir barras de ferro em todas as portas e janelas, esse será o dia em que teremos lei.*

*Nós, os pais, precisamos de mais apoio como chefes de família. Precisamos que nos paguem abonos de família para podermos ter mais filhos. E quero pagar menos impostos e taxas de serviços. Em França, quem ganhar o salário mínimo e o gastar todo em carne, consegue comprar 100 quilos. Aqui seriam só 15*



quilos. E em termos relativos, nós pagamos muito mais em cuidados de saúde que em França. Porque é que é assim?

— **Uma jovem activista, em Ben Arous:**

*Quando fizemos a manifestação do Dia Internacional da Mulher a 8 de Março na Avenida Bourguiba, os islâmicos fizeram uma contra-manifestação. Não nos atacaram fisicamente, como fazem às vezes nos cafés contra as mulheres “imodestas”, mas foram muito agressivos. Gritaram: “Mulheres vão para casa!” É essa a solução deles para o desemprego: fazer com que todas as mulheres deixem os seus empregos e passem as vidas delas a cuidar das suas famílias.*

*Sempre houve islâmicos entre os operários e os membros dos sindicatos, mas agora que os pregadores podem actuar abertamente, os operários mais novos estão a juntar-se a esse movimento, tal como milhares e milhares se estão a filiar nos sindicatos e nos partidos políticos. É esse o significado da liberdade. Tenho medo que o antigo regime regresse e tenho medo dos islâmicos.*



Jovens tunisinos enfrentam as forças de segurança em Regueb a 9 de Janeiro de 2011 (Foto: Abu Omar/AP)

— **Um dirigente do sindicato dos professores, em Ben Arous:**

*Primeiro, combatemos a ditadura, agora estamos a combater os fundamentalistas. Desde a revolução que tem havido muita agitação islâmica, sobretudo entre os jovens. Eles não levantaram um dedo durante a revolução, mas na*

*reunião da última noite exigiram a maioria dos lugares no nosso Comité de Defesa da Revolução. Mas eu sei que o governo não deixará que eles tomem o comando.*

## **Em que ponto estão agora as coisas**

A caminho do exílio a 14 de Janeiro, Ben Ali nomeou para novo chefe de estado o seu primeiro-ministro, Mohammed Ghannouchi,. Isso foi visto como um acto final de tirania da parte dele, uma vez que ia contra o que estava estabelecido na constituição.

Os activistas novos e veteranos organizaram o Comité de Defesa da Revolução em reuniões abertas de massas nas cidades e vilas de todo o país. Aos estudantes, aos jovens e a outras pessoas de Tunes juntaram-se jovens vindos das cidades provinciais num gigantesco protesto frente ao complexo de gabinetes governamentais chamado Kasbah, do outro lado da Medina da Avenida Bourguiba, para exigirem a demissão de um governo constituído por “mortos-vivos”, os antigos ministros de Ben Ali e alguns notáveis.

Para apaziguar as pessoas e mostrar que a Tunísia passaria agora a ser um estado de direito, o líder da Assembleia Nacional, Fouad Mebazzaa, tornou-se presidente, tal como prescreve a constituição. Mebazzaa deu a volta e nomeou Ghannouchi como seu primeiro-ministro.

Então, a 25 de Fevereiro, ocorreu uma nova ocupação que durou até Ghannouchi ter sido substituído como primeiro-ministro por Beji Caid Essebsi, um homem de 84 anos que tinha sido primeiro-ministro no tempo de Bourguiba, mas que não estava associado a Ben Ali. Por fim, os jovens das províncias regressaram a casa e o segundo protesto na Kasbah diminuiu e chegou ao fim. Em Março, uma tentativa de organizar uma “Kasbah III” para depor Essebsi fracassou.

O novo governo ignorou com êxito as tentativas dos Comités de Defesa da Revolução de exercerem uma espécie de poder dual. Em vez disso, propôs aquilo que Essebsi descreveu como uma “síntese” entre os que defendem a continuidade e os que lutam por uma ruptura clara com o antigo regime: uma Alta Autoridade para a Concretização dos Objectivos da Revolução, a Reforma Política e a Transição para a Democracia, cujos 155 membros são nomeados de baixo e aprovados pelo estado (daí a declaração do dirigente sindical de que o governo não deixará os islâmicos assumirem o controlo). Esse organismo irá preparar as eleições para a Assembleia Constitucional, a qual, por sua vez, escreverá uma nova constituição e organizará novas eleições parlamentares e

presidenciais. Originalmente marcadas para 24 de Julho, parece que agora essas eleições podem ser adiadas até Novembro.

Esse organismo foi apoiado pela maioria das organizações (mas não todas) que participaram no derrube de Ben Ali e por algumas que não o fizeram, como o Ennahda (Renascimento), um partido islâmico recém-reavivado que diz que o seu objectivo não é um regime islâmico mas aquilo a que algumas pessoas chamam de “Islão suave”, segundo o modelo do AKP, o partido que governa a Turquia. O Ennahda defende o facto de não ter participado na revolta como tendo sido uma tática para evitar que Ben Ali desacreditasse o movimento contra ele, mas muita gente pensa que estava à espera de um arranjo com o regime. Considerado agora o maior partido, está entre os mais leais apoiantes do actual governo e louva constantemente as forças armadas.

Estas medidas tomadas em nome da democracia reduziram significativamente a participação das vastas massas no processo político. Muitas pessoas sentem que as coisas estão a ser decididas atrás de portas fechadas, em negociações cínicas entre representantes daquilo que vêem como “interesses” difíceis de definir que não se preocupam com o que as pessoas comuns pensam ou querem ou precisam. Porém, ao mesmo tempo, ainda há uma guerra latente entre os esforços do regime para estabilizar a situação e a persistência do descontentamento.

Um dos mais importantes desses testes de força aconteceu em Maio, quando um recém-despedido Ministro do Interior disse numa entrevista televisiva que tinha sido impedido de afastar figuras do anterior regime dos serviços de segurança. Também disse que o presidente e o chefe das forças armadas tinham falado em desencadear um golpe militar se não lhes agradassem os resultados das eleições para a Assembleia Constituinte. Isto fez aumentar as fileiras da marcha da sexta-feira, 6 de Maio, frente ao Ministério do Interior. Os manifestantes gritaram: “O povo quer uma nova revolução!” A polícia não só os atacou com uma particular selvajaria, como também investiu violentamente em todo o centro da cidade e nos bairros das classes mais baixas na vizinhança. Também andou à caça e espancou jornalistas, perseguindo alguns deles até aos escritórios de um jornal porta-voz do regime.

Há greves constantes (daí as reclamações do dono do restaurante) e mini-movimentos “Limpeza!” que visam afastar das escolas, escritórios, hospitais e todo o tipo de instituições os pequenos tiranetes ligados ao antigo regime. Mas alguns activistas sentem agora uma desencorajadora sensação de deriva, um sentimento de que não sabem para onde as coisas vão nem exactamente o

que fazer em relação a isso. Também percebem que a “estabilização” não significa necessariamente que as coisas irão ficar tal como estão agora. O Facebook, o Twitter e os telemóveis ajudaram a tornar a revolta possível, mas os seus registos electrónicos também significam que se as forças de repressão recuperarem a iniciativa, saberão quem ir buscar e punir.

### **Quem define “os objectivos da revolução”?**

Apesar do seu nome, a maior parte daquilo que é suposto a Alta Autoridade decidir não está relacionado com “Os Objectivos da Revolução”, no sentido dos anseios que levaram as pessoas a avançar. É verdade que o código eleitoral favorecia grosseiramente o partido governamental (o qual, porém, nunca falhou uma eleição), e que a formulação de um novo código e as questões relacionadas terão consequências. Mas é como se fosse uma interminável disputa sobre as regras de uma discussão para se evitar que se discutam as questões fundamentais e se esconder o facto de elas já estarem a ser decididas.

Quer na Alta Autoridade, quer noutros locais, há pouco debate sobre as grandes questões que o país enfrenta, temas que se têm feito sentir, embora não sejam claramente compreendidos: Como é que a Tunísia vai recuperar a sua dignidade nacional e tornar-se no país verdadeiramente independente que mais de meio século de independência política de França ainda não produziu? Como é que vai superar as evidentes disparidades regionais? Como é que terá um tipo de desenvolvimento que possa não só fornecer trabalho como a dignidade de uma vida satisfatória a toda a gente? Como é que os trabalhadores irão alguma vez ser outra coisa que não escravos? Como é que as pessoas das zonas rurais irão ser resgatadas das suas sepulturas vivas e libertadas para se tornarem numa força de longo prazo pela transformação social? Será que as aspirações das mulheres à igualdade as irão trazer mais integralmente para o movimento pela mudança social, ou será que essas aspirações se irão tornar num alvo? Como é que a educação de tantos jovens se pode tornar numa força por esse tipo de transformação e não numa cruel piada sobre eles e os seus pais? Que tipo de valores sociais e morais e de perspectiva do mundo irá prevalecer?

Uma vez mais, a questão de se saber “quem irá liderar” não é apenas uma abstracção. Há duas perspectivas que estão a competir pela lealdade das pessoas, e nenhuma delas é boa.

### **Qual querem: o modelo francês ou o iraniano?**

Muita gente, incluindo pessoas religiosas, está aterrorizada com a perspectiva

de uma subida dos fundamentalistas ao poder. Esse perigo está longe de ser uma fantasia. Em Abril, um homem que gritava “Allahu Akbar” atingiu com uma barra de ferro a cabeça de um dos realizadores de cinema mais conhecidos da Tunísia, Nouri Bouzid, quando ele conversava com um estudante numa universidade. O seu filme de 1992 *Bezness* (um título que combina uma gíria francesa para sexo e a palavra inglesa para “negócio”), sobre um prostituto que se vende aos turistas mas que em nome da “honra” insiste no domínio masculino na família, divulgou um lado da sociedade tunisina que muita gente preferia não ver. Outros artistas e intelectuais tunisinos tomaram isso como mais um aviso do que como um incidente isolado. Em Maio, Nadia El-Fani foi ameaçada de morte por causa do novo filme dela, *Nem Amo Nem Alá*.

Nos anos 90, o movimento islâmico tunisino, liderado pelo Ennahda e pelo homem que ainda hoje o dirige, Rachid Ghannouchi (sem nenhuma relação com o primeiro-ministro Ghannouchi), aliou-se aos fundamentalistas da vizinha Argélia, numa tentativa de fomentar e de, de facto, levar a cabo uma ascensão armada ao poder na Tunísia.

Seria difícil exagerar quão traumático foi esse período para a Argélia, a Tunísia e outros pontos dos países árabes. O exército argelino cancelou as eleições depois de um partido islâmico ter ganho a primeira volta. Centenas de milhares de pessoas foram mortas numa tortuosa guerra civil entre o exército e duas tendências islâmicas rivais. Tornou-se difícil determinar quem estava a matar quem e, em última análise, deixou de ser a questão mais importante. Todos os lados massacraram aldeias e bairros urbanos inteiros. Houve intelectuais e artistas que foram assassinados em tão grande número que muitos deles fugiram do país.

Na Tunísia, Ben Ali conseguiu esmagar o Ennahda através de prisões, tortura e encarceramentos em larga escala. Também usou isso como desculpa para esmagar toda a dissidência durante as duas décadas seguintes. Mas os islâmicos aguentaram o impacto da repressão mais violenta.

O Ennahda reemergiu como força importante quase após a queda de Ben Ali e os seus dirigentes regressaram do exílio na Grã-Bretanha e em França. Há um debate constante sobre se abandonou ou não os seus objectivos de domínio religioso. Tem força entre as classes médias e mais baixas, desde os operários das fábricas aos comerciantes, e sobretudo entre os advogados, que se dividem entre tendências laicas e religiosas. Entretanto, também emergiu da noite para o dia um movimento salafista. (Os salafistas são sunitas que defendem um regresso ao Islão tal como eles acreditam que foi praticado nos tempos

iniciais.) O Hizb al-Tahrir (Partido da Libertação) defende um califado islâmico e a abolição das liberdades políticas. Tem conseguido recrutar muitos jovens, aparentemente entre os pobres, e circula à procura de brigas. A situação nas ruas é complicada. Muitas vezes, quando as mulheres e jovens “imodestas” são tratadas como caça livre, as pessoas dizem não ter a certeza de quem está a fazer isso.

Não pode se pode afastar a hipótese de Ghannouchi se ter tornado sinceramente um “revisonista islâmico”, como algumas pessoas lhe chamam, e de querer seguir a via do “Islão suave” do AKP turco, tornando-se parte de um governo modernizador e pró-EUA. Num importante relatório recente sobre a Tunísia, o Grupo Internacional de Crise, gerido pela nata da diplomacia europeia e norte-americana e dos *think-tanks* amigos dos governos, é descaradamente entusiástico em relação ao Ennahda. Mas seria errado não reconhecer o carácter contraditório e fluido da situação. Uma vez aceite a religião como terreno de legitimidade e verdade, então a religiosidade “indulgente” pode ficar em desvantagem em relação ao fundamentalismo.

Bob Avakian introduziu o conceito dos “dois obsoletos”: “a Jihad de um lado e o McMundo/McCruzada do outro”, “estratos historicamente obsoletos da humanidade colonizada e oprimida contra estratos dominantes e historicamente obsoletos do sistema imperialista”. Embora “os estratos dominantes e historicamente obsoletos do sistema imperialista [constituam] a maior ameaça à humanidade”, “se alinharmos com qualquer um destes ‘obsoletos’ acabamos por fortalecer os dois” (*Bringing Forward Another Way/Desenvolver Um Outro Caminho*). Na Tunísia, não é que haja um lado a levantar-se e a proclamar-se favorável ao domínio imperialista e outro lado a opor-se a tudo o que seja moderno. Mas, mesmo assim, esta citação descreve com precisão uma armadilha em que a maioria das pessoas está a cair.

Quando pressionados a dizer quais são as suas esperanças em relação à Tunísia, muitos activistas e intelectuais, bem como pessoas das classes mais baixas, respondem que querem que fique como a França, uma democracia multipartidária parlamentar estável com um sistema de segurança social. Muitos tunisinos têm vivido uma vida dura de trabalhadores imigrantes e não pensam que a Europa seja o céu. Só que é difícil às pessoas conceberem que seja possível qualquer outra coisa melhor, sobretudo no mundo de hoje, onde mesmo a maioria da esquerda tunisina não tem analisado de facto a experiência histórica das revoluções lideradas pelos comunistas e, em vez disso, aceita o pensamento dominante de que as mudanças radicais mostraram ser fúteis. Além

disso, embora muitas pessoas comuns tenham alguma ideia de que a França não podia ser como é sem a sobre-exploração de países como a Tunísia, não compreendem suficientemente o facto científico de que o “modelo francês” é de facto impossível na Tunísia, uma vez mais em grande parte porque não vêem nenhuma outra alternativa.



Protestos numa rua de Regueb a 9 de Janeiro de 2011  
(Foto: Abu Omar/AP)

Por outro lado, colocar o futuro possível da Tunísia em termos de o modelo francês ou o domínio fundamentalista islâmico (a que as pessoas não demasiado traumatizadas pela experiência argelina poderão chamar de modelo irani-ano) apenas cria um terreno mais favorável ao islamismo — e vice-versa.

Esta é uma sociedade suficientemente moderna para ter tantos estudantes do sexo feminino como do sexo masculino, mas em que não só há mais do dobro de analfabetismo entre as mulheres que entre os homens em geral, como mesmo entre as actuais gerações há duas vezes mais mulheres licenciadas universitárias desempregadas que homens. Os laicos tunisinos têm razão quando salientam que a constituição tunisina de 1959 era mais avançada que a de França nessa altura no que diz respeito aos direitos das mulheres, mas também fazia graves concessões ao Islão nessa questão (as mulheres só herdavam

metade do que os homens herdaram e têm menos direitos noutras questões de família). De qualquer forma, o exemplo de França deveria dizer-nos alguma coisa: aí, as mulheres são iguais em termos legais, mas continua a ser uma sociedade integralmente masculina, supremacista e patriarcal, como fica óbvio pela recente onda de apoio ao presidente do FMI Dominique Strauss-Kahn, acusado de violação, já que o argumento usado não é o de ele ser inocente mas sim o de a violação não ser importante. Uma religião supremacista masculina e os elementos patriarcais ainda são muito poderosos na Tunísia e reflectem o pano de fundo das tradições, convicções e práticas reaccionárias entre o povo, e os islâmicos podem ter vantagem em apelar abertamente à supremacia masculina em vez de a tentarem encobrir.

Algumas pessoas alegam que uma posição mais radical contra o “modelo francês” e o “modelo iraniano” iria cortar os activistas políticos das vastas massas e sobretudo dos estratos mais baixos, mas na realidade um pensamento nebuloso e errado sobre estas questões é um importante obstáculo a podermos ligarmo-nos de uma forma sustentada aos que nada têm a perder e a unirmos essas massas, os estratos mais favorecidos, os intelectuais e outros estratos.

Além disso, a clareza em relação a estas questões é a única forma de fornecermos uma compreensão científica que pode lidar com uma importante fonte de depressão que há neste momento entre as pessoas comuns e mesmo entre os activistas: quando olham para o regime tunisino, o exército e os islâmicos, e pensam na Argélia e na guerra civil aí entre os militares argelinos apoiados pelos franceses (e pelos norte-americanos) e os fundamentalistas islâmicos, muitas pessoas sentem que a questão agora não é saber se as coisas podem melhorar mas sim se, de uma forma ou de outra, estão ou não a ponto de se tornarem muito pior.

## V. E agora o quê?

A liberdade política — liberdade de expressão, de protesto, de imprensa e por aí adiante — não é apenas para as classes médias educadas. De facto, como se pode ver no desenvolvimento concreto da revolta, à medida que as pessoas conquistavam esses direitos através da sua própria luta e sacrifícios, os tunisinos comuns começaram a falar sem medo, a desafiar a autoridade e a produzir um questionamento e um fermento social mais profundo e global do que tudo o que se viu desde os anos 70 na maioria dos países “avançados” onde esses direitos estão inscritos na lei. Isto é necessário para que as pessoas se tornem



inteiramente vivas e para que ocorra uma verdadeira mudança social.

Mas que dizer àqueles cujas vidas continuarão a ser miseráveis? Agora que algumas das pessoas relativamente melhor na vida obtiveram parte do que queriam, a “revolução” acabou?

O pressuposto não assumido por trás dos arranjos políticos que estão agora a ser postos em prática é que a vida — a relação da Tunísia com o resto do mundo e as relações económicas e sociais entre os tunisinos (as várias classes, os homens e as mulheres, as regiões) — vai continuar como antes, só que um pouco melhor porque eles agora têm direitos políticos e uma democracia parlamentar.

Quer as pessoas tenham ou não plena consciência disso, aquilo contra o que elas se estão a revoltar na Tunísia e no resto dos países árabes (e noutros pontos do terceiro mundo) é a forma como o imperialismo domina a organização das suas economias e como define as suas sociedades no seu todo com base nisso, e os regimes políticos que impõem esse domínio.

A Tunísia não está necessariamente condenada a ser dominada por um autocrata ou uma junta militar, mas não é por acaso que as ditaduras abertas têm sido tão comuns em todo o terceiro mundo, geográfica e historicamente. (A América Latina, por vezes apontada como prova de que esses dias acabaram, na realidade conheceu durante o último século períodos alternados de “aberturas democráticas” e repressão militar.)

Eles podem ter eleições e direitos constitucionais (ao contrário do domínio arbitrário de Ben Ali ou outras variantes), mas essas coisas tendem a ser restringidas, quando não simplesmente eliminadas. As classes dominantes locais dependentes do estrangeiro são menores e mais fracas que as classes dominantes dos países imperialistas, as classes médias são menores e mesmo menos estáveis, as condições de vida impelem mais vezes as pessoas a revoltarem-se, e o desenvolvimento regional distorcido torna muitas vezes difícil um controlo centralizado. A persistência de relações de exploração feudais e de outras formas pré-capitalistas facilita frequentemente o domínio imperialista, e as classes e forças que representam essas relações também são cruéis inimigas dos interesses fundamentais do povo.

De uma forma mais fundamental, independentemente do sistema de governo, as classes dominantes desses países são as representantes de relações imperialistas, e o direito à autodeterminação e a igualdade entre as nações nunca está no programa. Não se trata apenas de elas serem politicamente servis em

relação ao imperialismo, embora seja verdade que as maquinações e intervenções imperialistas representam um importante papel a levar os governos ao poder e a fazê-los novamente sair. Enquanto as suas economias forem organizadas segundo as leis do capitalismo, sobretudo a tentativa de obtenção das mais altas taxas de lucro, num mundo em que as formações concorrentes do capital monopolista baseadas num punhado de países dominam os restantes ou, por outras palavras, enquanto forem dependentes do mercado mundial imperialista, têm de se curvar perante os interesses e os ditames de Paris, Nova Iorque, Londres, Berlim, Roma, etc. esta é a única lógica a que os capitalistas e outras classes exploradoras podem obedecer.

Um desenvolvimento que satisfaça as necessidades do povo requerer todo um sistema político diferente, um sistema cujo objectivo fosse libertar as pessoas e a nação do domínio imperialismo e dos capitalistas tunisinos e de outros exploradores que deles dependem, que não visse o desenvolvimento como um objectivo em si mesmo que abre simplesmente a porta a antigos ou novos exploradores, mas como parte de um processo que leve à abolição de todas as formas de exploração e opressão e à superação de todas as desigualdades à escala mundial. Como parte disso, também teria de haver um processo de ruptura com as relações sociais, tradições e pensamentos predominantes opressores, tanto os impostos pelo imperialismo como os tradicionalmente embutidos na sociedade tunisina.

Os tunisinos têm razão em quererem poder exprimir-se, organizar-se e desfrutar de outras liberdades, libertar-se do livre arbitrário, recuperar a dignidade individual e nacional e tomar de volta o seu país. Mas não podem ser livres a menos que compreendam que a palavra “liberdade” não faz sentido e é enganadora a menos que eles se interroguem: liberdade para quem, para que classe? Liberdade para os imperialistas e os seus aliados locais? Ou liberdade em relação a eles para o povo, liberdade para terem um papel decisivo na determinação do rumo da sociedade e de se unirem aos povos do mundo para libertarem a humanidade?

Estas perguntas, mesmo nas formas mais imediatas de se saber porque é que a Tunísia e os tunisinos sofrem desta forma e o que se pode fazer sobre isso, não estão a ser pensadas e debatidas de uma forma suficientemente profunda neste momento na Tunísia. Pelo contrário, demasiada gente está a ficar presa ao que parece possível num dado momento, mesmo quando sabem ou suspeitam que não há outro caminho para a Tunísia a não ser romper os laços da política tal como ela é agora praticada e as pessoas começarem a perceber

como tornar possível uma verdadeira revolução.

Numa palavra, o futuro da revolta na Tunísia ainda não está decidido. A actual “abertura democrática” pode favorecer o treino e a preparação das pessoas para a revolução; mas também pode desorientá-las e adormecê-las, levando à perda das grandes conquistas da revolta: o seu despertar político, a sua determinação generalizada e actuada a favor de alguma forma de mudança radical, e sem o que essa mudança será impossível, e a iniciativa política que elas retiraram das mãos dos seus opressores.

A questão é ver a situação na Tunísia não apenas como ela é, mas como poderia ser. Alguns activistas fecham os olhos e esperam que a história faça sempre a coisa certa, enquanto outros são propensos a acessos de pensamentos obscuros. Muitos são afectados por ambos. O que é importante não é ir buscar a coragem das pessoas, mas sim ver como é que o que as massas populares fizeram criou uma situação muito favorável ao trabalho revolucionário que tem de ser feito.

Ninguém pode prever quanto tempo durará esta situação. Nem ninguém pode prever como é que a volatilidade regional e mundial que os tunisinos ajudaram a desencadear poderá retroagir sobre a Tunísia.

Até agora, o povo tunisino conseguiu coisas surpreendentes por sua própria iniciativa. Mas enfrenta obstáculos que ou os consegue superar ou eles o podem derrotar. A questão é saber quem irá agora liderar o povo — se será um ou outro tipo de reaccionários que procuram arrastar as pessoas retrógradas, ou se serão os camaradas que rompem com as políticas reformistas, agarrem a possibilidade de se treinarem a si próprios e a muitos outros no mais avançado conhecimento da ciência do comunismo entre a insurreição e a confusão, e forjem uma estratégia revolucionária.

Tradução e edição: [paginavermelha.org](http://paginavermelha.org)

1ª edição: Junho de 2011

Revisão: Julho de 2024